

Literatura

Caio Junqueira / BRASÍLIA

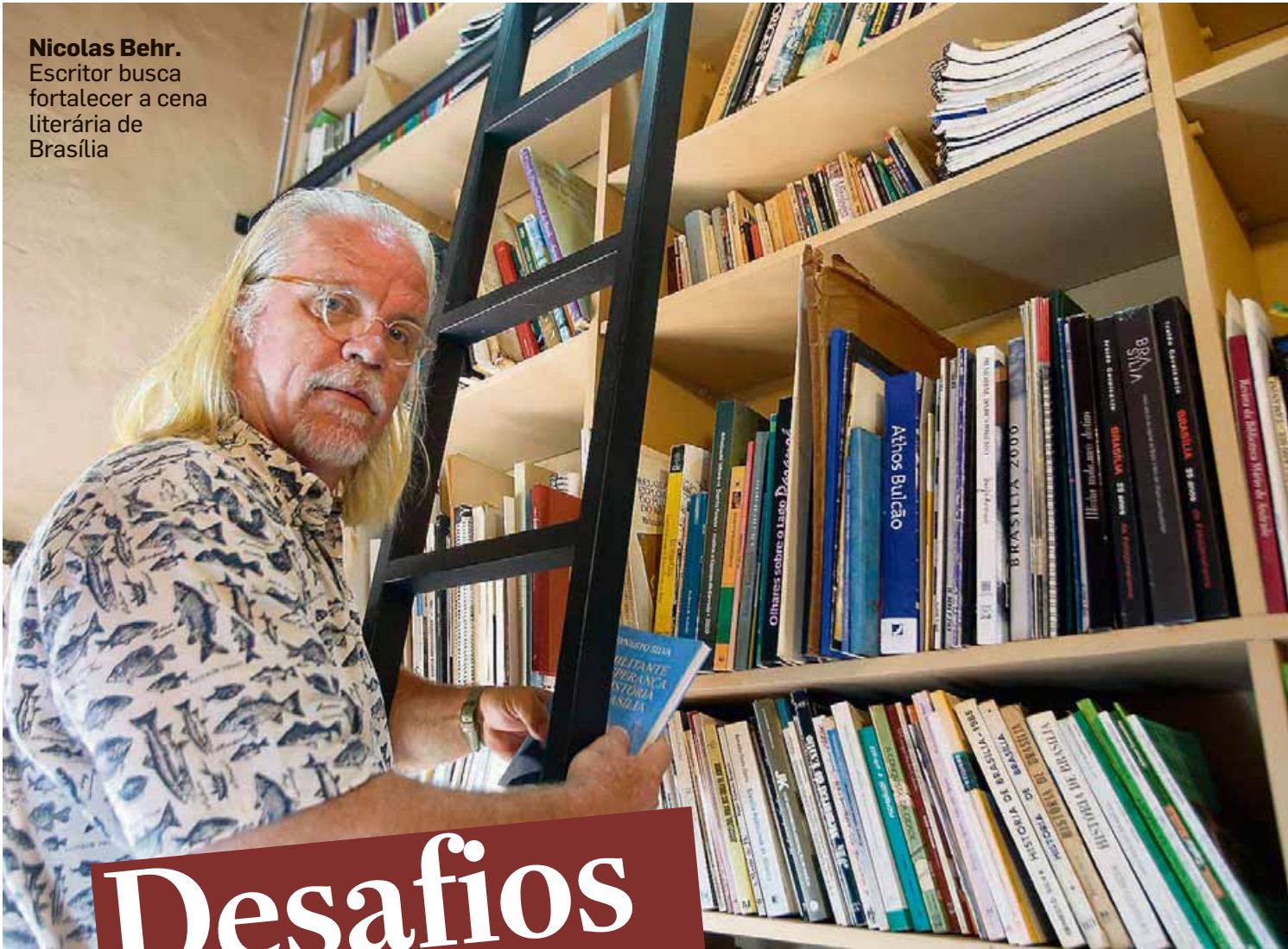
Um projeto de lei que tramitou na Câmara Legislativa do Distrito Federal em 1999 previa a inclusão no currículo das escolas públicas de Brasília do ensino de “literatura brasiliense”. Uma Comissão Especial de Seleção deveria ser formada com seis integrantes “escolhidos dentre pessoas com notório conhecimento em literatura brasiliense”, a serem indicados por seis órgãos ligados ao Estado.

A reação foi diversa na então incipiente cena literária local. Parte dos escritores apoiou a ideia, outra parte a contestou. Dentre os que lideraram a reação que acabou por enterrar a proposta estava Nicolas Behr, hoje o principal escritor da cidade, que escreveu: “Pobre da literatura que precisa de um decreto para existir. Literatura Brasiliense é o *Diário Oficial*. A poesia é necessária, mas não obrigatória. Se obrigatória, deixa de ser poesia. Passa a ser burocracia”.

No entanto, a soma de órgãos oficiais para tentar obrigar uma estrutura estatal a adotar uma nomenclatura literária foi apenas mais um dentre tantos episódios que caracterizam a busca diária dos escritores de Brasília em fugir, em suas obras, da marca de cidade oficial restrita à Esplanada dos Ministérios e à Praça dos Três Poderes.

Aos 59 anos e em Brasília desde 1974, o mato-grossense Behr é uma das principais atrações do Movida Literária, o primeiro evento literário de Brasília criado exclusivamente a partir dos escritores locais. Durante sete noites, 28 escritores, dos quais 26 locais, debaterão literatura em sete diferentes bares ligados à boemia da cidade. O evento começa no sábado, dia 20, no tradicional Bar Beirute, fundado em 1966. Depois, passa por badalados cafés, como Ernesto e Cafeto Especiais, Martinica e Objeto Encontrado; pelo Sebinho, o maior sebo de livros da cidade; e o bar Raízes, ligado ao movimento negro. Serão 14 mesas nas quais serão debatidos a obra dos autores da mesa, processo criativo e como fortalecer a cena literária local.

“Não existe uma literatura de Brasília e quando existir vai ser chata, chapa-branca. Vai ser mesmo o próprio *Diário Oficial*”, disse Behr ao **Estado**, em uma noite de domingo no Beirute. A todo instante em que é questionado se há e o que é a literatura de Brasília, Behr diz que tudo o que os escritores daqui mais querem é justamente escapar do estereótipo de cidade administra-



**Nicolas Behr.**  
Escritor busca fortalecer a cena literária de Brasília

ANDRÉ DUSEK/ESTADÃO

Desafios e soluções

Evento Movida Literária reúne em Brasília, durante 7 dias, autores de poesia e prosa em 14 mesas de debate

tiva que Brasília carrega País afora. “A nossa luta é dissociar Brasília da ideia de poder. Brasília ainda é estigmatizante demais pelo poder. Você vai a Paris e não está na capital do poder. Aqui, o poder ainda está muito presente. Isso é limitante, rotulante. Sempre fugi desse rótulo”, afirmou Behr.

Seus livros de poesias costumam carregar referências a Brasília, mas sempre em uma tentativa de descontextualizar o ideário da capital federal. Por exemplo, *Brasileira Desvairada* (1979), *Brasifra-me* (2013), *Poesília: Poesia Pau-Brasília* (2002), *Brasiliada* (2010) e *Porque Construí Brasília* (1993) e este último em direta referência a *Porque Construí Brasília*, escrito em 1975 por Juscelino Kubitschek para contar sua visão sobre a construção da cidade. Nele, escreve: “Imagine / Brasília / não-capital / não-poder / não-Brasília / assim / é / Brasília”.

O Movida Literária tem financiamento coletivo pelo Ca-

tarse, com quantias que variam entre R\$ 25 e R\$ 80, que oferece recompensas como livros, ilustrações e a participação em uma oficina literária a ser feita pelos organizadores.

“Movida é uma expressão que dá a ideia de movimento. Por isso, os lugares são em diferentes lugares a cada dia. Quisemos enfatizar essa ideia até porque Brasília não é um lugar que propicia o caminhar. As distâncias são longas e dificulta a ideia de flunar pela cidade, uma característica dos escritores”, contou o escritor Jéferson Assunção, um dos organizadores do evento. Gaúcho que mora em



**Brasília não tem cena literária organizada. A bienal foi abandonada e a feira do livro aqui é feita em shopping”**  
**Jéferson Assunção**  
ESCRITOR

Brasília há 10 anos, tem mais de 20 livros publicados. Em 2015, foi diretor de livro, leitura, literatura e bibliotecas no Ministério da Cultura.

Segundo ele, a inspiração do movimento é a Balada Literária de São Paulo, cujo organizador é Marcelino Freire, que encerra o evento no dia 27 de maio. É o primeiro evento desse tamanho e nesse formato na capital do País, que é carente de eventos literários, livrarias e bibliotecas. Segundo o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, Brasília tem apenas 37 bibliotecas, à frente apenas do Acre (36) e de Roraima (16). Não há no Brasil registros de número de leitores de livros per capita. “Brasília não tem uma cena literária organizada. A bienal foi abandonada e a feira do livro aqui é feita dentro de shopping centers. Resolvemos então criar um movimento a partir dos escritores”, informou Assunção.

Nas mesas, estarão autores premiados que residem na ci-

dade, como o mineiro José Resende Júnior, vencedor do prêmio Jabuti 2010 na categoria Contos e Crônicas com o livro *Eu Perguntei pro Velho se Ele Queriria Morrer* (e *Outras Estórias de Amor*), e o gaúcho Lourenço Cazarré, vencedor do Jabuti de literatura infantojuvenil, em 1998, com *Nadando Contra a Morte*, 1998.

A pluralidade de origens dos autores reflete uma característica comum na literatura que agora começa a mostrar sua cara na cidade. Grande parte dos autores locais veio de outros Estados. Algo que reflete a composição da sua população. Segundo o Censo 2010, Brasília já tem a quarta maior população do País, atrás de São Paulo, Rio e Salvador. O *Atlas do Censo Demográfico*, também de 2010, mostrou que Brasília é a capital com maior atração de migrantes do país. “Brasília seguida de Goiânia, que podem ser consideradas metrópoles emergentes, destacam-se por apresentarem os maiores resultados al-



**A produção literária fora do Plano Piloto tem como tema central a desigualdade gritante entre o plano e as satélites”**  
**Marina Mara**  
POETA

cançados no saldo migratório e na taxa líquida de migração”, diz o texto do órgão.

“Brasília é um conjunto de pessoas que vêm de outros lugares. A pergunta que se faz sempre aqui é ‘você é de onde?’. Por isso, não tem uma literatura com características próprias. É uma produção muito diversificada”, garantiu Regina Dalcas-tagne, professora titular de literatura brasileira e coordenadora do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Ela também relatou a necessidade da produção literária local para, segundo ela, fugir dos clichês sobre Brasília. “É uma cidade muito estigmatizada por quem não é daqui. Então, é importante que tenha outras perspectivas sobre a cidade e a perspectiva literária agrega e pode fazer com que se alimente um novo imaginário sobre a cidade. Só quem mora aqui pode fazer isso”, analisou.

**Periferia.** Embora minoritário, estarão presentes nas mesas autores dos bairros da periferia, as chamadas cidades-satélites, nas quais uma espécie de movimento literário marginal ganha força, principalmente com a realização de saraus literários como Casa Frida e Radicais Livres (São Sebastião), Sarau Complexo e Coletivo ArtSam (Samambaia), Tribo das Artes (Taguatinga) e Sarau-VA (Ceilândia).

A poeta Marina Mara, um dos expoentes desse movimento, participa de uma das mesas da Movida. Ela aponta que, diferentemente do que ocorre com escritores do Plano Piloto, a temática principal de quem escreve longe do Plano Piloto, a área central e nobre do País, é a segregação social. “A produção literária fora do Plano está cada vez mais rica, com saraus e produção de zines. O tema mais abordado é a desigualdade social, que é gritante entre o plano e as satélites. Produz-se muito sobre feminismo também.” Ela é autora do poemApp *O Mapa da Poesia da Brasil*, um aplicativo gratuito, um cadastro lançado já com mais de 10 mil pontos que mostram onde se localizam bibliotecas públicas, poetas, escritores, editoras e saraus de todo o País.

Fotografia Exposição

Os 100 anos da mais democrática das câmeras

A Leica é celebrada em Madri na mostra ‘Com os Olhos Bem Abertos’, que reúne 400 imagens de mitos como Cartier-Bresson e Robert Capa

EFE

O tamanho, a leveza (400 gramas) e o preço acessível fizeram da Leica uma câmera fotográfica que não apenas revolucionou o mundo da fotografia profissional, mas também democratizou e levou essa arte a todo o mundo. Agora, uma exposição em Madri mostra essa mudança de paradigma.

Com 400 fotografias tiradas por mitos como Cartier-Bresson, F.C. Gundlach, Fred Herzog, Elisabeth Hase e Robert Capa, a exposição *Com os Olhos Bem Abertos. Cem Anos de Fotografia Leica*, em cartaz até o dia 10 de setembro na Fundação Telefônica, reflete a passagem das câmeras grandes e pesadas para a pequena Leica.

Uma mudança na linguagem visual que os fotojornalistas acolheram desde que Ernst Leitz lançou a câmera no mercado, em 1925, mas à qual anos de-

pois se juntaram mulheres, homens e crianças que viram no pequeno dispositivo uma maneira de entrar nesse mundo que queria capturar o tempo.

“Essa exposição é necessária nesses dias em que todos somos fotógrafos, porque fotografia sempre foi fotografia”, destacou Andreas Kaufmann, presidente do conselho da câmera Leica, durante a apresentação da mostra. O visitante poderá ver fotos míticas, como a *Morte de Um Miliciano*, de Robert Capa, ou o icônico beijo entre uma enfermeira e um soldado na Times Square, de Alfred Eisenstaedt. Quem visitar o evento também poderá contemplar peças-chave para entender essa revolução: uma réplica da Leica original de 1913-14, a primeira câmara colocada à venda em 1925 e mais nove modelos que mostram sua evolução.

Nas palavras de Hans-Mi-

chael Koetzle, curador da exposição, era um formato novo, cuja lente possibilitava a captura de “dimensões curtas”. Por isso, os primeiros planos se tornaram predominantes, como se vê nas centenas de imagens da mostra.

“A Leica sempre nos acompanhava, ficava com quase 37 graus de febre porque ia juntinho do corpo”, brincou ele.

Com os *Olhos Bem Abertos. Cem Anos de Fotografia Leica* passa por vários períodos históricos e artísticos, como a seção *Leica e a Neues Sehen* (Nova Visão), que desenvolve a ideia de que a câmera foi fundamental para a criação de uma nova linguagem visual, o “fotojornalismo”, pois com ela se podia tirar uma foto atrás da outra, muito rapidamente, o que beneficiou o gênero recém-nascido da reportagem.

A parte dedicada à *Fotografia Subjetiva* mostra como qual-



ALFRED EISENSTAEDT

O beijo mais famoso. Times Square, 2 de setembro de 1945

quer “amador experiente” podia criar imagens artísticas. Já a seção *Fotografia Humanista* apresenta instantâneos que têm o universo urbano como cenário, a vida cotidiana como representação teatral.

A exposição continua com “A nova fotografia colorida” e se encerra com “A fotografia de moda e a câmera Leica”, pois suas características especiais favoreceram a estética adotada pela fotografia de moda, e “A fotografia de autor”, apresentando diversas categorias de criadores que utilizaram diferentes recursos.

Nessa espécie de “viagem pelo século 20”, como definiu Koetzle, o visitante também poderá comprovar como o advento dessa câmara significou uma “revolução para as mulheres”. “Funcionava, e ainda funciona, feito um relógio, e com um design muito elegante, inspirado na Bauhaus. As mulheres gostavam porque podiam levá-la na bolsa”, explicou ainda.

A mostra, que faz parte da programação da PhotoEspaña 2017, também destaca o trabalho de fotógrafos espanhóis, como Alberto García-Alix, Ramón Masats e Juan Colom, grandes mestres da Leica, como observou o curador, e pela primeira vez leva à Espanha um material conservado no Arquivo Leica. / **TRADUÇÃO DE RENATO PRELORENTZOU**